

EXPERIÊNCIAS, NARRATIVAS E HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: HOMENS EDUCADORES NO TRABALHO COM CRIANÇAS

Infant education experiences, narratives and histories: men educators working with children

*Experiencias, narrativas e historias en educación infantil: maestros hombres en el trabajo
con niños*

Virginia Georg Schindhelm*
Maria Luisa Furlin Bampi**

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2021.v3i3n7.847-863>

Resumo

O artigo apresenta registros de experiências orais de oito educadores homens numa escola infantil fluminense para refletir e construir conhecimentos do magistério com estigma da maternagem sem a presença masculina. A metodologia qualitativa, fundamentada em estudos biográficos de Nóvoa, Josso, Abrahão e Ferrarotti; privilegiam a profissionalização de educadores, suas histórias e práticas, em processos de autoformação; Matos, Sayão, Louro e Connell, com estudos de professores que: (a) exerceram seus talentos, saberes em escolas conservadoras que resistem aos apelos de renovação; (b) ajudaram a construir outra história para o magistério infantil e os estudos sobre gênero associados às infâncias. O texto repensa (a) na perpetuação das representações de divisão de trabalho na educação infantil, em defesa da presença masculina na educação das crianças e (b) no potencial das narrativas de educadores com novos olhares para o magistério infantil.

Palavras-chave: Experiências docentes; Homens educadores; Formação docente; Educação Infantil.

Abstract

The paper presents records of oral experiences of eight male teachers in a children's school in the state of Rio de Janeiro. This reflects and builds knowledge of teaching with the motherhood stigma without the male presence. The qualitative methodology, based on biographical studies by Nóvoa, Josso, Abrahão, and Ferrarotti. They favor the professionalization of teachers, their stories and practices, in self-training processes; Matos, Sayão, Louro, and Connell, with studies by teachers who:

(a) exercised their talents, skills in conservative schools that resist the calls for renewal; (b) helped build another story for children's teaching and gender studies associated with childhoods. The paper rethinks (a) the perpetuation of representations of the division of labor in the children's education, in defense of the male presence in children's education and (b) the potential of teacher' narratives with new perspectives on children's teaching.

Keywords: Teaching experiences; Men educators; Teacher training; Child education.

Resumen

El artículo presenta registros de experiencias orales de ocho profesores varones en una escuela infantil en el estado de Río de Janeiro. Esto refleja y construye el conocimiento de la enseñanza con el estigma de la maternidad sin la presencia masculina. La metodología cualitativa, basada en estudios biográficos de Nóvoa, Josso, Abrahão y Ferrarotti. Privilegian la profesionalización de los docentes, sus relatos y prácticas, en procesos de autoformación; Matos, Sayão, Louro y Connell, con estudios de profesores que: (a) ejercitaron sus talentos, habilidades en escuelas conservadoras que resisten los llamados a la renovación; (b) ayudaron a construir otra historia para la enseñanza de los niños y los estudios de género asociados con la infancia. El artículo replantea (a) la perpetuación de las representaciones de la división del trabajo en la educación de los niños, en defensa de la presencia masculina en la educación de los niños y (b) en el potencial de las narrativas de los maestros con nuevas perspectivas sobre la enseñanza de los niños.

Palabras clave: Experiencias docentes; Educadores masculinos; Formación del profesorado; Educación Infantil.

Introdução

O texto escrito para construir esse artigo constitui-se como uma história contada por duas professoras universitárias e pesquisadoras de temas voltados para a Educação Infantil, dentre eles, a formação de futuros educadores no trabalho com as infâncias.

Amparadas nas ideias de Soares (2005) no prefácio do livro sobre a palavra do contador de histórias (MATOS, 2005), assumimos uma competência de tratar o tema proposto para esse dossiê *de dentro e de fora*, (grifos da autora) ao mesmo tempo. *De dentro* porque, na ocasião da pesquisa de doutoramento numa escola infantil, vivenciamos durante mais de um ano, experiências com adultos e crianças nesse cenário escolar, com registros de entrevistas e observações de dados empíricos construídos e destacados como importantes para conhecer as concepções e práticas de educadores sobre gênero e sexualidade na Educação Infantil. *De fora* porque hoje resgatamos o material produzido, há alguns anos, para refletir, analisar e apresentar como fragmentos de uma história com o olhar da formação docente e novas formas de pensar.

Para esse artigo, priorizamos apenas as narrativas registradas, por ocasião das entrevistas semiestruturadas com educadores infantis considerando que: “Entrevistas de histórias orais são uma das formas mais comuns de entrevistas em uma pesquisa narrativa” (CLANDININ e CONNELLY, 2015, p. 154). Sendo assim, serão apresentados alguns fragmentos de histórias orais contadas por educadores homens inseridos numa instituição fluminense, criada em 2004 para contemplar os filhos de funcionários públicos municipais estatutários, de todas as Secretarias.

A gestão administrativa da creche, na ocasião da pesquisa, estava vinculada à Coordenadoria de Valorização do Servidor, do sistema de Recursos Humanos da Secretaria Municipal de Administração (CVS-SMA). Tratava-se de uma creche municipal não submetida à Secretaria Municipal de Educação (SME). As verbas ali investidas provinham especificamente do Fundo de Previdência dos servidores municipais e, não dos impostos e/ou dos cofres públicos, que mantinham as creches subordinadas à SME.

O ingresso das crianças à creche ocorria primeiro por uma inscrição prévia e, quando a procura era maior do que o número de vagas disponíveis, realizava-se um sorteio público. A demanda por vagas era constante, porém para o berçário costumava ser sempre maior.

Os profissionais eram admitidos na categoria terceirizados e contratados por firmas licitadas pela Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) para um período de um ano, com possibilidade de prorrogação de até mais doze meses.

Por ocasião da pesquisa, realizada ao longo dos anos de 2011/2012, a creche contava com oito educadores homens na composição da equipe pedagógica, para atender 175 crianças, com idades até cinco anos e 11 meses; eram filhos e/ou crianças sob guarda ou tutela comprovada de servidores municipais. Os rapazes eram universitários que frequentavam os cursos de educação física e educação artística, além de dois pedagogos, totalizando quarenta profissionais na instituição, composta em sua maioria por mulheres.

O presente texto contempla narrativas de profissionais homens, que contaram suas histórias de vida na instituição. Além das observações, as narrativas dos educadores foram um dos instrumentos escolhidos para a coleta de informações. A pesquisa foi realizada durante mais de um ano, com inserção semanal, em dias e horários alternados, por ocasião do doutoramento realizado em uma universidade pública federal.

Destacamos como objetivo desse artigo refletir sobre (1) um trabalho que ainda carrega o estigma de não ser reconhecido como profissão e sim como espaço de maternagem, na qual a presença do homem não tem lugar; (2) as relações vivenciadas, reproduzidas ou recriadas acerca das masculinidades em espaços escolares infantis.

Optamos nesse artigo por uma abordagem qualitativa, tomando como base as narrativas dos educadores, nossos sujeitos pesquisados. Em seus depoimentos puderam relatar suas experiências e contar suas histórias como docentes da instituição, tomando como referência o período que estavam inseridos neste cenário escolar. Nesse sentido, a “perspectiva experiencial situa os indivíduos no centro da história sociocultural, concedendo uma atenção privilegiada às suas memórias e recordações” afirma Nóvoa (2004, p. 9).

Como professoras/pesquisadoras adotamos uma perspectiva metodológica que reconhece a realidade social como socialmente construída por sujeitos, que vivenciam a experiência de modo integrado, em constante processo de autoconhecimento. Por esta razão, trabalhamos com emoções, intuições e com subjetividades, ao invés de dados exatos, acabados e objetivos.

Nossa metodologia é de natureza qualitativa e fundamenta-se em concepções de estudos biográficos, de modo a refletir sobre o processo formativo docente do ponto de vista do sujeito. Dialogamos com Larossa (2011) ao pensar a educação pela experiência, com Nóvoa (2000) e seus estudos sobre vida do professor. Apoiamo-nos teoricamente, também, em Josso (2014, p. 65) quando destaca que “a objetividade da narrativa é uma ilusão e o interesse da construção do percurso reside precisamente no seu caráter eminentemente subjetivo”. Para tal, buscamos conhecer e compreender os significados que cada educador atribuiu aos acontecimentos e situações que vivenciou na escola infantil em questão.

Nesta pesquisa, não pretendemos estabelecer generalizações, todavia, compreender os fenômenos envolvidos no estudo.

Concordamos com Abrahão (2003), que a metodologia de um estudo biográfico considera as potencialidades de diálogo entre o individual e o sociocultural, na medida em que evidencia o modo como cada um mobiliza seus conhecimentos, seus valores e suas energias, de modo a dar forma à sua identidade e subjetividade em diálogo com os seus contextos.

Sob este aspecto, adotamos a proposta teórico metodológica de pesquisa biográfica com narrativas de experiências, de modo a construir conhecimentos privilegiando a profissionalização do educador, trazendo aportes de histórias contextualizadas de homens na Educação Infantil numa dimensão pessoal e profissional. Os educadores, sujeitos dessa pesquisa, atuavam significativamente exercendo seus talentos, seus saberes e seus esforços como profissionais da educação.

Buscamos, pela experiência e desde a experiência daquele(a)s que as narraram, aprender, refletir, apontar a possibilidade de um pensamento da educação a partir de

acervos subjetivos, Larossa (2011) e avançar na constante e necessária tarefa de formação.

Entrecruzar formação e pesquisa a partir de experiências cotidianas constitui-se um objetivo indicado nas propostas para formação pedagógica. A narrativa apresenta-se como um meio de aprendizagem e também de investigação, propiciando uma forma de ligar o conhecimento cotidiano da prática escolar com o pessoal e as perspectivas profissionais da formação docente, fornecendo-nos uma base para a reflexão crítica da experiência pedagógica e enquanto promotora de conhecimentos nas investigações.

Frente às considerações iniciais, discorreremos a seguir histórias contadas por figuras masculinas presentes numa escola infantil, não apenas cuidando e educando crianças, contudo também realizando o sonho de fazer daquele lugar uma referência em que as crianças também contribuem com novas formas de pensar e viver as suas infâncias. O percurso inovador da presença masculina nesta escola carioca tem chamado a atenção, desde então, para uma forma de fazer educação ainda pouco comum em nosso país.

Narrativas de experiências e histórias orais dos educadores

Os professores, sujeitos de nossa investigação, narraram de maneira autobiográfica e mobilizaram sentidos e significados das vivências ou experiências que os afetaram, como diria (LAROSSA, 2011).

Experiência, para o autor, refere-se a “algo que não sou eu”, (grifo do autor), que não depende mim, “que não é resultado de minhas palavras, nem de minhas ideias, nem de minhas representações, nem de meus sentimentos, nem de minhas intenções, nem de meu saber, nem de meu poder, nem de minha vontade” Larossa (2011, pg. 5), todavia é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 20).

Frente às palavras do autor, destacamos algumas experiências vivenciadas e narradas pelos educadores, que apresentaremos no decorrer de nosso texto. Entendemos a narrativa, com base nos estudos de Oliveira (2011, p. 290),

[...] como uma forma de descrever as relações pessoais vividas por seu autor, permite que o mesmo tenha um maior conhecimento sobre si próprio, reflita sobre como suas atitudes afetam o próximo, assim como passe a ter um maior conhecimento sobre seus limites pessoais e possa redefinir modos de agir.

Optamos por nomear as experiências docentes como acontecimentos, na medida em que as selecionamos para ilustrar nossas ideias e como fontes de análises sobre a inserção do educador homem e o seu papel na Educação Infantil.

Acontecimento 1

Assim sucedeu uma experiência vivida por um educador quando lembrou que:

[...] “na primeira reunião com os responsáveis da turma do Maternal II, desde que começou a trabalhar na creche, o pai de uma menina fez questão de ir junto com sua esposa, simplesmente para conhecê-lo e olhar “olho no olho” do outro homem que cuidaria de sua filha” (entrevista em março de 2012).

Larossa (2011) esclarece que a exterioridade da experiência não reduz o acontecimento, contudo ela tem um lugar, e esse lugar é subjetivo, pessoal, singular, num movimento de ida, de exteriorização – sai de cada um – e de volta - porque afeta e produz efeitos. O sujeito da experiência é “aberto à sua própria transformação, sensível, vulnerável, ex/posto” (LAROSSA, 2011, p. 7). Daí o resultado da experiência ser a formação ou a transformação do sujeito da experiência, na medida em que supõe sempre um risco, uma aventura ou mesmo um perigo pela sua imprevisibilidade. E, diríamos ainda, o que ela expõe de nós.

O que tocou o professor do *Acontecimento 1* e a nós, que resgatamos essa narrativa? A posição de enfrentamento do pai da criança/filha, que vai “olhar-no-olho” daquele que, em sua singularidade, evidencia um movimento de resistência, ou ainda, de *des-historicização*, desse modelo hegemônico de reprodução da divisão dos gêneros do trabalho de docência com a pequena infância. Paradoxalmente, esse enfrentamento acontece na escola que, junto com a família, sempre teve e ainda tem um papel histórico de perpetuação dessa proposta, segundo aponta (BOURDIEU, 2014).

Dando sequência às narrativas docentes, um outro educador contou a história de sua chegada profissional na creche:

Acontecimento 2

Fui acolhido pela equipe da creche que, de certa forma, trazia consigo desconfianças quanto à minha eficiência profissional, pois eu era um “contexto novo” (grifo nosso) para aquele universo feminino: trabalhar junto com um educador do gênero masculino. Mas nem tudo foi tão simples assim, alguns responsáveis de crianças, de minha turma, especificamente, começaram a indagar sobre os cuidados junto às crianças, a se incomodar com essa presença masculina. Era muito comum, principalmente junto aos pais das meninas, questionarem sobre o banho, a troca de roupas, a alimentação. “Ele vai dar banho na minha filha?” (entrevista em março de 2012).

Nos apropriamos de Bondía (2002), visando buscar as sutilezas da narrativa do educador e, para compreendê-lo, como um sujeito da experiência, definido não por sua atividade, mas pela abertura para ser transformado pela experiência. Um sujeito social que se configura como um território de passagem e submetido a uma lógica da paixão.

Educador e o saber da sua experiência, que ocorreu numa relação entre o singular e o concreto, entre o conhecimento e a vida humana.

Por isso, tratamos a palavra desse contador que narra sua história, “depreendendo dela o que nos é possível, mas sem tirar os véus a golpes de força reducionista, em prol da clareza científica”, conforme postula Matos (2005, p. 3).

Nossos educadores contam suas histórias e relatam suas experiências, que se apresentam a nós “como uma paisagem em que cada detalhe aparentemente insignificante pode esconder um tesouro de significações” (MATOS, 2005, p. 13).

Em outro relato, um educador destacou que a mãe de uma menina no Maternal I admitiu a ele, que levou um choque ao ser informada pela direção sobre a contratação de um homem como educador.

Acontecimento 3

Essa mãe declarou: “A princípio foi preconceito meu. Eu sei. Confesso que fiquei preocupada com a competência daquele homem, mas o carinho da minha filha com ele e dele com minha filha, me convenceram que a escolha foi acertada. Além disso, muitas crianças não têm a figura masculina dentro de casa, logo essa é uma referência importante” (entrevista em maio de 2012).

Partindo desse desabafo, o educador sentiu-se no compromisso de esclarecer para a mãe que a proposta da escola era que “ele fosse igual” às outras professoras, entendendo que tudo o que fosse “responsabilidade da educadora mulher” lhe seria atribuição também. Evidenciamos nessa narrativa as sutilezas da superação de um modelo dominante, conforme evidencia Bourdieu (2014, p.154), “o reconhecimento mútuo, pelo qual cada um se reconhece no outro, e o reconhece também como tal”.

A proposta da escola infantil, na figura de sua diretora, defendeu essa ideia com muita certeza do que queriam, deixando as famílias muito à vontade, para que se não fosse desejo de alguém que o educador desse o banho ou realizasse qualquer outra atividade de cuidar junto a seus filhos, viesse até a equipe escolar, pois estariam abertos para conversar sobre essa questão para sempre respeitar a opinião dos familiares.

Percebemos, nas histórias narradas pelos educadores ao longo das entrevistas de nossa investigação, que ainda é recorrente a ideia da naturalização da mulher para cuidar de crianças, compartilhando a noção hegemônica de masculinidade. Ou ainda, de representações inscritas na linguagem comum, que mensuram diferenças entre homens e mulheres, Bourdieu (2014), como nesse trecho de uma entrevista:

Acontecimento 4

Normalmente não tem 2 educadores homens numa turma. Existe uma constelação do masculino e feminino, então acaba rolando aquela forma de gênero: o masculino vai ter uma certa rigidez na educação, enquanto o feminino vai ter mais um certo cuidado. Às vezes eu percebo isso nas turmas. [...] Eu acho que fica constelado os papéis, a educadora feminina vai fazer mais o papel de cuidar, enquanto que o masculino vai fazer um papel mais rígido, até meio que levando mais pra uma questão social: o pai como uma figura mais rígida e a mulher como uma figura mais cuidadosa, então isso apareceu e eu também já observei isso nas turmas (entrevista em outubro de 2011).

O educador, revelou nesse discurso, um tanto contraditório aos anteriormente narrados, um enlaçamento entre os papéis pai/mãe na família e educador homem/mulher na escola. Suas palavras mostram que os atributos femininos relativos aos cuidados com as crianças, consequências das “naturais habilidades da mulher para o trato com as crianças” Louro, (1995, p. 180), configuram-se como peça fundamental para a educação infantil, até mais do que os seus conhecimentos técnicos ou habilidades profissionais. O papel do educador homem seria mais semelhante ao do pai, com a sua rigidez; nas palavras do entrevistado.

Inúmeras são as questões que envolvem o trabalho com as infâncias numa instituição escolar. Dentre elas, cabe destacar a importância que recai sobre os educadores homens acerca de suas posturas em relação às crianças. Ferrarotti (2014, p. 42) destaca a importância de um novo conhecimento sobre o homem social assegurando que “[...] se nós somos, se todo indivíduo é a reapropriação singular do universal, social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual”. Dessa forma, torna-se relevante entender o educador como sujeito histórico, considerando que o universal pode ser apreendido pelo singular.

O educador infantil promove cotidianamente um controle de si, de seu corpo, de seus gestos, palavras e comportamentos, de forma a não dar margem para desconfianças ou questionamentos no trato diário com as crianças. Isto nos faz pensar em como a escola absorve relações de gênero, gestadas fora dela e as reproduz por meio de construções vinculadas a feminilidades e masculinidades. O relato de um educador evidencia uma experiência que deixou fortes marcas em sua vida profissional.

Acontecimento 5

Eu tive uma experiência com uma [...] criança muito bonitinha, muito legal, aí ela vira pra mim e pergunta: “tio, eu tô bonita?” Eu disse: “Tá linda, maravilhosa, bonita e saiu um gostosa”. [...] Na semana seguinte, a mãe, que trabalhava no mesmo lugar, me conhecia, comentou por alto que o pai não tinha gostado do termo gostosa. Então isso tem quase 25 anos. [...] até hoje quando eu trabalho com meninos e meninas [...] eu tenho que evitar uma certa aproximação, tomar a maior precaução possível. [...] Ele é um homem, eu sou um homem, eu tô lidando com a

filha dele, uma menina, o erro foi meu. Por que eu vou chamar a filha dos outros de gostosa? Independente do que eu queria falar, eu não tinha que ter falado, mas passou e eu aprendi! Com certeza! (entrevista em outubro de 2011).

O discurso desse educador aponta uma preocupação em monitorar as suas palavras, as suas posturas e as suas ações. Tal descrição pode ser objetivada com base no que Brougère e Tobin (2000/2002) denominaram de pânico moral. Expressão ligada às campanhas de combate à pedofilia, à ideia de controle da sexualidade infantil e proteção ao olhar externo contra o perigo de exposição das crianças, frente a educadores homens, entendidos como potenciais abusadores infantis. Este fenômeno do pânico moral serve para ilustrar o preconceito em relação à presença masculina nas escolas infantis, que paira no imaginário de muitas famílias e faz com que os educadores desenvolvam vigilâncias e cuidados no trato cotidiano com os pequenos.

A presença dos educadores homens no cotidiano escolar infantil apresenta uma oportunidade para desmistificar o ideal de que somente as mulheres podem maternar ou cuidar das crianças (SAYÃO, 2005). E assim, repensar as consequências nas práticas dessas instituições históricas, que tendem a manter essa representação conservadora de divisão de trabalho, em direção a uma transformação (BOURDIEU, 2014).

Usualmente “foram os homens – religiosos, legisladores, pais, médicos – que falaram sobre as mulheres, e, que, assim, construíram e difundiram com mais força e legitimidade as representações da mulher professora”, postula Louro (1997, p. 81).

Frente aos relatos acima descritos, inferimos a importância dos educadores homens para o trabalho com as crianças, principalmente pelo fato de que a presença masculina na educação infantil oportuniza a desconstrução de um magistério caracterizado por atividades domésticas que se reproduzem na escola, típicas do público feminino, rompendo com o modelo hegemônico, que desvaloriza o trabalho docente como profissão qualificada e mostrando que essa atuação pode ser vista como uma forma emancipatória de trabalhar com as infâncias.

Esta questão nos aponta que homens podem e devem “paternar”. Inferimos este termo em analogia à expressão maternar/maternagem, relacionando-o à possibilidade de estabelecer com as crianças atividades de cuidados e expressão de afetos tidas, na nossa cultura, como próprias das mulheres. Essas atividades estariam relacionadas com a participação na higiene, alimentação, sono, brincadeiras, numa relação mais direta com as crianças, expressando amor e ternura, não sendo somente uma figura de autoridade e um provedor, todavia agindo de forma mais participativa no mundo das infâncias.

Este termo paternagem é reiterado pelos estudos e reflexões de Carvalho (1999), quando defende que a maternagem é uma construção social e histórica que necessita ser

objetivada, refletida para desligar-se de modelos de conhecimento acabado, portanto sob essa condição, o homem também pode e cada vez mais está sendo convocado à exercê-la.

Pensando sobre o exercício da paternagem, voltamo-nos para o relato de um educador, ao discorrer sobre a facilidade ou dificuldade para falar acerca da sexualidade com as crianças.

Acontecimento 6

Bom, difícil não tem sido, fácil talvez pela forma espontânea que eu me pego num momento e outro que acontece, então eu tenho sido sereno e calmo e tenho tido a tranquilidade de poder conversar, informar, então [...] talvez fosse muito difícil se eu não tivesse uma experiência em casa com a minha filha, mas como eu trabalho com crianças [...] eu já passei por esta fase com a minha filha [...] eu acho que trabalhei bem, fiz um bom trabalho com ela, então eu estou tendo a mesma tranquilidade, serenidade e carinho que eu tive com a minha filha (entrevista em outubro de 2011).

Destacamos por esse discurso, não apenas um exemplo de como um rapaz envolvido pelas atribuições domésticas e cuidados com uma criança pode exercer o que denominamos de paternagem, mas também a importância da paternidade ao elaborar representações de masculinidade. Ressaltamos, entretanto, que a relação comumente estabelecida entre homem e masculinidade tem um caráter móvel e contingente. Não significa, contudo, que não exista uma masculinidade do homem, “apenas significa que essa expressão não é óbvia” (COSTA, 1998, p. 179).

As masculinidades e as feminilidades são corporificadas de formas singulares sem, no entanto, deixarem de ser sociais. Cada criança apreende a sua masculinidade ou feminilidade mediante desejos, posturas, habilidades físicas, formas próprias de movimentar-se, dentre outras expressões construídas no seu viver social.

Connell (1995, p. 188) postula que a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Explicitando melhor: (1) falar de prática significa enfatizar que a ação tem uma racionalidade e um significado histórico; (2) falar de posição dos homens, significa enfatizar que a masculinidade está entrelaçada com relações sociais, refere-se a corpos de homens, esses entendidos como masculinos.

Assim, falar de uma configuração de prática implica em colocar ênfase só naquilo que as pessoas efetivamente fazem e, cujo fazer, continuarão a reproduzir da mesma forma, sem a possibilidade de esperar ou imaginar que façam de outra maneira. Entretanto, afirma Connell (1995), existe mais de uma configuração em qualquer ordem de gênero numa sociedade, razão para tornar-se comum falar de masculinidades. Da

mesma forma, ocorrem as feminilidades como construções das mulheres na esfera da produção social.

Falar sobre as práticas masculinas na educação infantil significa utilizar as ideias sobre masculino, masculinidade, paternagem como possibilidade para pensarmos na multiplicidade das dimensões constitutivas das práticas sociais e individuais que a categoria de gênero nos apresenta, numa tentativa de desconstrução, desnaturalizando os mitos fundadores das representações cristalizadas no imaginário social das práticas relativas aos homens e às mulheres.

No modelo hegemônico de masculinidade, historicamente constituído, nas sociedades ocidentais, o trabalho remunerado aparece como elemento central na percepção que os homens têm de si mesmos e o sucesso profissional serve como medida no julgamento que fazem de si e dos outros. O que leva, então, um público masculino, ainda que de forma bastante tímida, a escolher o trabalho com as crianças pequenas? Os depoimentos de educadores em resposta a essa questão são apresentados em:

Acontecimentos reunidos

Minha mãe sempre foi professora e eu sempre a acompanhei nos trabalhos. Não tinha com quem ficar e ia pra escola com ela. Então, eu cresci no meio educacional. Porém, eu tinha uma outra visão de profissão, mas minha mãe abriu uma escola e fizemos uma reunião familiar, que alguém na família teria que fazer Pedagogia pra poder assumir os negócios e eu disse que tinha disponibilidade, pois eu trabalhava já na área de Enfermagem. Aí eu fiz a faculdade, concluí e tinha que fazer o estágio, foi no estágio que eu mudei de área, pois vi que eu tinha aptidão maior pra trabalhar com crianças. Aí eu virei educador de fato! (entrevista em março de 2012).

[...] Desde cedo eu tive envolvido com [...] um projeto educacional [...] no qual eu travei contato com muitos professores, muito dedicados e uma vez um professor virou pra mim [...] e falou que educar era uma das poucas coisas que fazia sentido na vida de uma pessoa, educar, ensinar e passar o conhecimento adiante e eu achei legal esta proposição dele [...] (entrevista em outubro de 2011).

Eu escolhi ser educador infantil porque eu pensei em ser professor, ser educador é a realização de um sonho [...] (entrevista em outubro de 2011).

[...] Uma necessidade de um trabalho que eu tive, de ter um nível superior, então era o que o salário podia pagar, foi esse de pedagogo e eu chegando lá me apaixonei pela Pedagogia [...] (entrevista em outubro de 2011).

[...] o que me fez escolher a minha área de Educação Física foi a experiência, o gosto de estar transformando a vida de um aluno e ver o que eu posso tá contribuindo pra educação desse aluno e ver a facilidade

com a experiência que eu tive no estágio como professor [...] (entrevista em novembro de 2011).

Porque eu gosto de trabalhar com crianças, acho muito legal, fascinante [...] (entrevista em outubro de 2011).

Porque tem a questão da ‘*praxis*’, que é conciliar a teoria que eu aprendo na faculdade com a prática com as crianças, então a única profissão que possibilita isso é a educação, ser professor, então eu gosto também de ser professor, por isto que eu escolhi (entrevista em outubro de 2011).

A princípio, por acaso, eu sempre quis ser bombeiro, aí com o passar do tempo eu estudava numa escola que oferecia 2º grau, quando eu fui fazer inscrição pro 2º grau havia terminado as inscrições no colégio público, aí um amigo falou que em Madureira havia um colégio particular que oferecia o 2º grau técnico em Educação Física, que haveria possibilidade de sermos professores [...] e eu achei aquilo interessante, aí fui fazer Educação Física [...] e gostei muito, fui me apaixonando pela coisa e segui (entrevista em outubro de 2011).

Eu acho que, na verdade, a Educação acabou me escolhendo. No princípio eu não tinha a intenção de ser educador, eu nunca tive o sonho de ser professor [...] e comecei a trabalhar num programa educativo em 2005, foi a primeira vez que eu comecei a ter o contato, além da monitoria que eu fazia na faculdade. Eu comecei a ter um contato com grupos de idades variadas [...] desde a educação infantil [...] então foi ali que eu comecei a me encantar pela Educação (entrevista em outubro de 2011).

As narrativas docentes corroboram estudos de Connell (1995), Costa (1998) e Bourdieu (2014), quando postulam que, nem sempre, a escolha de ser educador se deu por fatores subjetivos, tais como o sonho de ser um educador ou por gostar de trabalhar com crianças. Muitas vezes, a escolha foi influenciada por terceiros, acontecimentos sociais, que interferiram na opção pela docência, como o contato com a educação por meio de estágio, monitoria ou outro programa que aproximou o rapaz do trabalho pedagógico com a infância.

Além disso, o uso de narrativas das histórias de vida docentes, centradas nas experiências sobre a formação de si “permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social” (JOSSO, 2007, p. 414).

As narrativas desse público masculino, indicam ainda que diferentes motivações influenciaram a decisão de ser educador infantil, inclusive o desejo de transformação social para aquele que abraçou a ideia de passar o conhecimento adiante. Sendo visíveis as potencialidades desses docentes, suas dificuldades e possibilidades diante das pressões dos contextos aos quais se inserem ou pertencem simbolicamente.

Os dois últimos depoimentos revelaram uma escolha casual pelo magistério infantil, apresentado como uma opção dentre a inexistência de outras, naquele momento de definição de uma carreira profissional. Essa escolha parece caracterizar uma presença na docência como resultado de forças alheias à vontade desses sujeitos.

Enfim, em consonância com Josso (2007), a partir da análise de histórias de vida profissionais desses professores da educação infantil, podemos ver aflorar as transformações nas quais se engajaram, quando apresentaram sua vida de forma narrada e refletida. Enquanto umas se configuram como resultado de uma emergência interior, outras foram provocadas pelo meio ambiente. Contudo, para cada um deles, podemos inferir que a docência se configurou como uma atividade transformadora de si, por meio de continuidades e de rupturas, seja de projetos de vida, das vivências inter-relacionais e da multiplicidade de outros fatores.

Importante ressaltar também que, contar um pouco de sua história, permite que cada educador saia do seu isolamento para refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades acerca de questões, preocupações e inquietações (JOSSO, 2007), vivenciadas no trabalho individual e coletivo na educação infantil. Aprendemos ainda com a autora Josso (2007), que trabalhar as questões da identidade profissional, pelo viés da imagem de si mesmo, por meio de narrativas, análise e interpretação ao contar suas histórias de vida escolar, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade das subjetividades que se constroem e se renovam nas inter-relações.

Considerações para finalizar

Abordar as práticas masculinas na educação infantil, de dentro e de fora, como sinalizamos no início do texto, representa a possibilidade para reflexão sobre a multiplicidade das dimensões constitutivas das práticas sociais e individuais que as categorias de gênero e a docência na infância nos apresenta.

Em sintonia com o olhar de fora, compreendemos que, tanto na docência como no processo de formação docente, contar as suas experiências e as histórias que as tecem, constitui-se como uma análise reflexiva sobre a prática, na tentativa de desconstrução dos mitos fundadores dos fazeres e saberes de homens e de mulheres no trabalho com as crianças, de modo a desnaturalizar representações ainda muito cristalizadas no imaginário social.

Nosso estudo apresentou narrativas de educadores, que nos permitiram conhecer um pouco das suas identidades docentes. Entendemos que, ao contar sua história, cada

um dos educadores apropriou-se dela em processo autoral e também formativo com possibilidades de saber sobre o que é seu e o que é dos outros, e saber também sobre seu modo de ser e estar na docência e as suas influências. Assim, “a escrita da narrativa, [...] constitui-se numa aprendizagem experiencial, ao colocar o sujeito numa prática subjetiva e intersubjetiva do processo de formação”, assegura Oliveira (2011, p. 293).

Refletir com um olhar de dentro, implica construir em si, ou mesmo, resgatar de si formas sensíveis e habilidades que atentem para os cuidados dos outros, sejam adultos ou crianças, de modo a criar vínculos facilitadores para o convívio e o trabalho docente cotidiano.

Entendemos, como exposto ao longo do texto, que as narrativas docentes corroboram as masculinidades e as feminilidades corporificadas de formas singulares, sem deixarem de ser sociais. Da mesma forma, pode-se pensar que seja uma possibilidade para cada sujeito social, seja criança/adulto apreende a sua masculinidade ou feminilidade mediante desejos, posturas, habilidades físicas, formas próprias de movimentar-se, dentre outras expressões construídas no seu (con)viver social...

Enfim, o uso de narrativas e as histórias que as envolveram se apresentaram como um meio de aprendizagem, de investigação e de formação docente. Como aprendizagem porque propiciou ligar o conhecimento cotidiano desses professores, colocando em evidência que a docência na educação da pequena infância é um campo de atuação possível para homens. Como investigação, porque nos forneceu dados empíricos construídos no dia a dia escolar, que se constituíram como base para reflexão e estudo crítico das práticas docentes.

Nossos estudos, desde o trabalho de doutoramento, evidenciam que ainda convivemos com a necessidade de superar embates, preconceitos, mitos, discriminações e tantos outros movimentos sexistas que impedem ou dificultam a possibilidade para a emergência de outras noções de masculinidades, que incluam o cuidar e o educar na Educação Infantil.

Como professoras universitárias formadoras de futuros pedagogos, sentimos o compromisso pessoal, profissional e político de estudar o tema gênero associado às infâncias com os nossos graduandos e estagiários, de modo a desconstruir algumas hierarquias incorporadas irrefletidamente no dia-a-dia escolar, dentre elas, a associação homem-masculino, a tradicional marca cultural da maternagem nos cuidados das crianças além das expectativas, conceitos e tarefas culturalmente associadas às mulheres e à feminilidade.

Entendemos que a escola infantil brasileira ainda se apresenta como um lugar social mais conservador, no qual a divisão entre os papéis e funções de cada sexo, muitas vezes, resiste aos apelos de renovação.

Nesse sentido, assumimos o compromisso de continuar desenvolvendo estratégias destinadas a repensar a perpetuação das representações de divisão de trabalho na educação infantil, em defesa da presença masculina na educação das crianças em prol do enriquecimento de práticas e experiências oriundas de docentes que, não apenas acreditam em seu potencial como educadores de crianças, mas que ajudam a construir uma outra história para o magistério, gerando novos olhares para a educação dos pequenos.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. In: IX Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, RS: *Revista História da Educação*, n. 14, p. 79-95, set. 2003.

BONDÍA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, jan/fev/mar/abr 2002. p. 20-28.

BROUGÈRE, Gilles. TOBIN, Joseph. Culture et sexualité infantine à l'école maternelle. Étude comparée entre les États-Unis et la France. *Éducation et Sociétés. Revue internationale de sociologie de l'éducation*. Lyon: École normale supérieure de Lyon. Institut Français de l'Éducation, n. 6, p. 167-185, 2000/2002.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

CARVALHO, Marília Pinto de. *No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã, 1999.

CLANDININ, D. Jean; CONELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. 2. ed. rev. Tradução do GPNEP: Grupo de pesquisa narrativa e educação de professores, ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n.5, p. 185-206, jul/dez 1995.

COSTA, Rosely Gomes. De clonagens e de paternidades: as encruzilhadas do gênero. In: *Cadernos Pagu*. Trajetórias do gênero, masculinidades... Campinas, SP: Unicamp, n.11, p.157-199, 1998.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias. *O método (auto)biográfico e a formação*. Tradução Maria Nóvoa. 2 ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014, p. 29-55.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias (orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Tradução Maria Nóvoa. 2 ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014, p. 57-76.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Em 04 Jun/2020. https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf

LAROSSA, Jorge. Experiência e alteridade em Educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011. p. 4-27.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino. In: SILVA, Luiz Heron; AZEVEDO, José Clóvis de (orgs.). *Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 172-182.

MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias de vida. In: NÓVOA, António (org.) *Vida de Professores*. 2 ed. Porto: Porto Editora, 2000.

NÓVOA, António. Prefácio. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto [et al.] *História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense*. 2ª ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004. p. 7-12.

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. Narrativas: contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. Cuiabá, MT: *Revista de Educação Pública*, v. 20, n. 43, maio/ago. 2011. p. 289-305

SAYÃO, Deborah Tomé. *Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo a partir de professores na creche*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2005.

SOARES, Magda. Prefácio. In: MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. XI-XV.

Recebido em: 20 fev. 2021.
Aprovado em: 19 jul. 2021.

EXPERIÊNCIAS, NARRATIVAS E HISTÓRIAS na educação infantil:
Homens educadores no trabalho com crianças

***Virginia Georg Schindhelm** é Psicóloga, Mestre e Doutora em Educação. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense (PCH/INFES/UFF), campus Santo Antônio de Pádua, nas áreas da Educação Infantil, Psicologia da Educação e Estágio Supervisionado.

E-mail: virginiags@id.uff.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7259-9169>

****Maria Luisa Furlin Bampi** é Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia. Professora Assistente no Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nos campos Estágio Supervisionado, Educação Infantil e Psicologia da Educação.(UERJ/FFP/DEDU).

E-mail: maria.bampi@uerj.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1919-0230>
